

A ver um quadro negro

Gustavo Torrezan

O desejo com estas palavras é atravessar o processo criativo da construção de alguns trabalhos que compuseram a exposição “ESCAPA” que apresentei no interior do estado de São Paulo em 2014, na Galeria de Artes da Faculdade de Artes de Limeira (Galeria FAAL) a fim de pensar o apagamento enquanto busca de um “ver” com o não visto, e enquanto uma de maneira a dar abertura a criação singular daquele que vê. Busca-se assim, pela experimentação nas artes, disparar um pensar educação através da experimentação criativa que conecta artes visuais e as dinâmicas de sala de aula.

Para começar esse percurso é preciso resgatar algo do passado e uma imagem marcada enquanto escola. Digo de uma sala clara, de cor neutra e possivelmente com uma grande janela, com cadeiras dispostas em filas, alinhadas de modo organizado uma em frente a outra na maior parte do espaço e, em oposição a direção dessas carteiras dos estudantes, uma mesa para o professor e atrás dela uma imensa lousa com giz em um repositório. Mas essa imagem pode ser descrita ainda hoje para uma escola que vivenciamos.

Nessa imagem descrita a vida começa a se dar a partir de um certo preenchimento animado: a luz se acende, os estudantes chegam e tomam assento, as carteiras são ocupadas por cadernos e canetas, o professor também chega e inicia sua aula. O burburinho começa seja, entre grupos de estudantes seja, com a fala do professor e sua explanação que é subsidiada ou então subsidia a escrita, o desenho, a marcação da lousa. A dinâmica da sala de aula se coloca e aos poucos os gizes se tornam pó e vão construindo palavras, frases, esquemas, desenhos – marcações – operações lógicas que o professor desejoso por transmitir conteúdo projeta na lousa, como espelho, aquilo que os estudantes devem copiar em seus cadernos e então gravar enquanto aprendizado. Conforme a aula

passa, a lousa é preenchida, cada espaço é projetado, marcado, ocupado; já que, nessa perspectiva, marcar a lousa e ocupa-la é o mesmo que desbravar o conhecimento, uma espécie de “bandeirantismo” que o professor faz em favor de seus alunos. Mas será que esse desejo designador (como designador entende-se de desenhar essa realização) é ainda forte nos dias de hoje onde o mundo está imerso por imagens e transbordamos marcações através dos vários meios e materiais que fazemos uso (penso aqui, além da lousa e do caderno, nos celulares e na corriqueira ação de registrar fotografando ou filmando seja a si mesmo ou tudo o que se vê pela frente)? Será que uma lousa preenchida figura dessemelhante das imagens produzidas ou tem potencia para resistir com maior fixidez em relação a essa inundação imagética que vivemos? Ainda outra pergunta fica, talvez mais importante. Que importância se dá ao vazio e qual espaço se constrói em favor do outro para que esse possa criar singularizando-se?

Essas questões se fizeram enquanto substrato de um pensar, um pensar com arte. Assim, fui ao Museu da Arte de São Paulo (MASP), lugar que icônico na sua origem pelas ações e realizações da arquiteta Lina bo Bardi, mas que naquele momento apresentava uma certa semelhança marcada com a escola, por exemplo quanto ao próprio conceito de museus (lugar que recebe aquilo que a sociedade escolhe para guardar enquanto referencial de sua época e enquanto modelo de verdade – a verdade da/na arte) ou quanto a aspectos de organização asséptica “*clean*”. Ao final da visita, quando me identifiquei como artista-educador, pude receber um grande cartaz onde estava impresso uma obra pertencente ao acervo, indicando o título, o autor e o museu. Uma espécie de “mimo” para levá-lo a outros cantos, uma divulgação para além de sua localidade. Em minhas mãos, esse cartaz impresso se figurava como uma espécie de uma página de um caderno, uma cópia que o professor outrora havia dito para fazer de sua lousa.

Com ele fiz aquilo que mais se esperava: o fixei de maneira mais eficiente possível, ou seja, emoldurei a imagem buscando atribuí-la

novamente a característica de obra de arte e com isso apresenta-la novamente como um quadro em um espaço ao público. Esse espaço poderia ser em minha casa, um escritório ou até em uma sala de aula. Foi exatamente o que fiz ao ser convidado a pensar uma exposição para a Galeria-FAAL. Expus o quadro porém, com um gesto aditivo que buscava fugir da representação e onde eu pudesse escrever e me inscrever através de outros tipos de marcas que se opõem aos discursos conteudistas das lousas preenchidas. Assim, apaguei a imagem com um *spray* na cor preta, no desejo de instaurar com ela o quadro negro, o vazio, tal qual aquele presente no início das atividades na sala de aula, desejoso pelo esvaziando de todo e qualquer conteúdo preliminar que pudesse trazer, apostando que nesse apagamento o novo pudesse aparecer, o silêncio pudesse ser ouvido e a criatividade do outro (os estudantes daquela faculdade) pudessem produzir imagens singulares.

Ao instaurar o quadro negro apagando a representação nele contida pude experimentar construir um trabalho cuja visibilidade se desse através do invisível e as vozes soassem pelo silêncio.

Sobre o autor: Gustavo Torrezan, artista-etc. Graduei-me em artes visuais, fiz mestrado em educação e atualmente faço doutorando em poéticas visuais na Universidade Estadual de Campinas. Sou pesquisador colaborador do grupo de estudos Humor Aguoso da Faculdade de Educação da Unicamp. Meus trabalhos podem ser vistos na internet através do site www.gustavotorrezan.com